

## **O PROTAGONISMO E A AÇÃO TRANSFORMADORA DA ESCOLINHA DE AGROECOLOGIA DE NOVA IGUAÇU/RJ.**

Gabriela dos Santos Silva; Orientador: Prof. Dr. Ramofly Bicalho dos Santos

Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

[gabrielasansil@hotmail.com](mailto:gabrielasansil@hotmail.com) / [ramofly@gmail.com](mailto:ramofly@gmail.com)

**Resumo:** Historicamente, o sistema capitalista tem relacionado o modo de lidar com a terra aos interesses de produção de renda. Desta forma, as modificações que ocorrem na natureza são incorporadas a interesses econômicos e novos reordenamentos vão surgindo na perspectiva de manter a hegemonia do capital. A agricultura se tornou um elemento valioso no âmbito da arrecadação, e na atualidade, o agronegócio corresponde a um segmento crescente na contramão da crise no país. Contrários a este modelo de agricultura subordinada ao capital, movimentos de luta e resistência tem obtido destaque e, pensando nestes movimentos, nossa atenção se volta às práticas da Escolinha de Agroecologia de Nova Iguaçu/RJ (EANI). A região da baixada fluminense é um território marcado pela ausência de projetos sociais e, nesta especificidade, são ainda mais ausentes os projetos destinados aos pequenos produtores rurais ou urbanos. Assim, a notoriedade deste projeto no âmbito da educação não formal, tem sido reconhecida, pois muito além do compartilhamento sobre preceitos agroecológicos, desenvolve a práxis da educação popular e propulsiona a transformação social.

**Palavras-chave:** Escolinha de Agroecologia de Nova Iguaçu; Educação Popular; Educação Não Formal; Transformação Social.

### **Introdução**

Profundas desigualdades sociais estão arraigadas à história do país. A distribuição de terras está concentrada nas mãos de uma pequena fração populacional elitizada, que detém os meios de produção e faz uso de uma propaganda midiática que defende a propriedade privada como direito natural e constitutivo dos indivíduos.

Marx (1988), acerca da relação entre o homem e a natureza destaca que há uma relação indissociável, de modo que este sujeito é capaz de transforma-la em prol de sua subsistência. O sistema capitalista, ao longo do tempo, reordenou por meio desta capacidade, um conjunto de modificações da natureza que passaram a responder aos objetivos de manutenção e reprodução do capital.

A partir deste processo, compreendemos que as transformações ocorridas no espaço urbano e rural não ocorrem de forma natural, mas sim, como resultado de uma dinâmica histórica que engloba os meios sociais, culturais, econômicos e políticos. A concentração de terras no país, distribuída de modo desigual, encontra-se nas mãos de uma pequena classe elitizada. No âmbito da acumulação capitalista, o latifúndio vem sendo substituído pelo Agronegócio.

Compreendendo que a má distribuição de terras é uma das principais causas de conflitos sociais e que a expansão do agronegócio tem intensificado o pauperismo e, o “esmagamento” aos pequenos produtores rurais, sobretudo, por meio da difusão do discurso de certificação de segurança alimentar, nosso estudo visa analisar ações em oposição ao modelo do agronegócio.

Cabe ressaltar que, historicamente, o produtor campestre tem recebido a associação do atraso associado à sua identidade como principal estereótipo, pondo-a em um local de inferioridade. Porém, precisamos reconhecer que as subjetividades campestres existem, são múltiplas e os valores e as culturas do “povo da roça” estão presentes em todos nós, em nossas raízes e as herdamos de nossos antepassados.

O que nos chama a atenção de modo particular é o protagonismo da Escolinha de Agroecologia de Nova Iguaçu (EANI). Trata-se de um projeto de educação não formal que muito além da capacitação de preceitos agroecológicos voltada aos pequenos agricultores residentes de áreas urbanas ou rurais, desenvolve a *práxis* da educação popular, da valorização de saberes, da identidade e do pertencimento ao território e a cultura.

A escolha deste objeto de pesquisa ocorreu devido à necessidade de conhecer e se atentar às ações desempenhadas por projetos sociais, sobretudo, na região da baixada fluminense, território marcado pela desigualdade social e pela ausência de políticas públicas. Poucos são os estudos científicos que abordam a atuação de projetos sociais nesta região, sobretudo, quando voltadas aos pequenos produtores.

## **Metodologia**

Pesquisar é uma tarefa difícil, por isto, requer a escolha de ferramentas metodológicas que permitam que o pesquisador relacione a realidade apresentada às teorias. O universo de nossa pesquisa é o curso de formação em preceitos agroecológicos oferecido pela Escolinha de Agroecologia de Nova Iguaçu/RJ. Como ponto de partida, destacamos que esta é uma pesquisa qualitativa e, nos baseamos em Minayo (1993) compreendendo que:

(...) ela se ocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado (...) ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por

pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida. (MINAYO, 1993, p. 21 – grifos do autor).

Para execução da pesquisa, utilizaremos como recurso a pesquisa documental nos arquivos da EANI, tais como: o projeto piloto ordenador (Projeto Caritas), entrevistas disponibilizadas a acesso público e também, concedidos pela própria instituição e no âmbito da pesquisa bibliográfica, nosso embasamento concentra-se em estudos voltados ao estudo da educação popular e na dissertação de mestrado de Soares (2015), do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial (PPGDT) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRRJ).

Também serão realizadas observações de campo, utilizando o registro como fonte. Para tal, utilizaremos o Diário de Campo como um instrumento de pesquisa muito rico para compreensão da dinâmica existente na EANI. Nesta perspectiva, com base em Araujo *et al* (2013), entendemos o diário de campo como uma prática investigativa qualitativa, similar a um bloco de notas, que visa captar a experiência do pesquisador.

## **Resultados e Discussão**

A história é movimento e, a partir dela, outras novas histórias são construídas continuamente. Neste sentido, conhecer a trajetória da Escolinha de Agroecologia de Nova Iguaçu (EANI), nos permite compreender que os caminhos envoltos ao longo do tempo têm resultado na transformação social, expressas através de uma bandeira de lutas e de comprometimento com os pequenos agricultores de zonas rurais e também urbanas, sobretudo, da baixada fluminense.

O projeto é fruto de uma experiência da Comissão Pastoral da Terra (CPT) realizada em Campos dos Goytacazes/RJ junto aos pequenos agricultores daquela região, com a proposta de oferecer métodos teóricos e práticos alternativos ao uso de agrotóxicos, através de encontros mensais. Em 2007, a Escolinha de Agroecologia de Nova Iguaçu iniciou as suas atividades, por intermédio de uma parceria entre a CPT e a Prefeitura Municipal de Nova Iguaçu.

Inicialmente, as ações da EANI ocorreram em uma escola situada no bairro de Marapicu. Cabe destacar que este território foi marcado pela luta de terras, com forte apoio da CPT no movimento, em consonância as participações do Padre Geraldo de Lima, Sônia Ferreira e Generosa da Silva. A ocupação possuía apoio da Caritas e da Diocese de Nova

Iguaçu e coletivamente, somaram forças e no ano de 1985, a região de Marapicu foi assentada. (SOARES, 2015).

A parceria entre a Prefeitura Municipal de Nova Iguaçu e a CPT findaram após um ano, visto que a Prefeitura não permitiu o envolvimento da CPT e da Emater-Rio. Isto nos traz uma reflexão sobre qual modelo interessa aos gestores públicos apoiar: dissociado da bandeira de lutas dos movimentos sociais, com caráter interligado apenas a educação formal em agroecologia e em muitos momentos apresentada distante da realidade dos participantes.

Em 2008, um novo modelo é delineado na EANI, através da parceria entre a CPT, Emater-Rio e Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) de Seropédica/RJ para ministrar palestras aos alunos. Em 2009, a coordenação da Escolinha passou a ser compartilhada entre a CPT e Emater-Nova Iguaçu/RJ. Conforme entrevista concedida ao “Catraca Livre” e disponibilizada internamente pelo projeto, a partir deste momento a EANI passou a se caracterizar, efetivamente, como um curso sequencial e com progressão dos conteúdos ministrados, expandindo o que antes eram ciclos de palestras.

Ainda em 2009, a EANI recebeu o “Prêmio Baixada” na categoria “Meio Ambiente”, conferido pelo Fórum de Cultura da Baixada Fluminense. No ano de 2010, recebeu o segundo: “Prêmio CREA-RJ” de Meio Ambiente. Uma prova de reconhecimento da seriedade do trabalho desenvolvido na EANI.

A questão territorial também foi repensada, com o intuito de promover maior facilidade de acesso e, concomitantemente, a ampliação do número de alunos residentes dos demais municípios do Rio de Janeiro, sobretudo da Baixada, as aulas passaram a ser ministradas na Catedral de Santo Antônio e, durante alguns anos, na Igreja São Jorge, ambas na região central do município de Nova Iguaçu. Este remanejamento proporcionou que o número de alunos triplicasse e até os dias atuais, a CPT realiza a coordenação administrativa e cabe à Emater-Nova Iguaçu a coordenação técnico-pedagógica.

Em seu projeto piloto ordenador (Projeto Caritas), a EANI se classifica, no âmbito de abrangência temática voltado à formação e capacitação de trabalhadores urbanos e rurais impactados por empreendimentos econômicos, organizados ou em processo de organização em empreendimentos coletivos e economia solidária; de baixa renda e trabalhadores rurais integrados a projetos de assentamento vinculados a programas de reforma agrária. Como justificativa, o projeto considera quatro fatores:

1. A predominância de agricultores familiares no território da baixada fluminense. Destes, 50% são oriundos de movimentos de ocupação organizados. Alguns deles, gerando projetos oficiais de assentamento que possibilitaram o resgate de áreas que teriam sido loteadas caso não houvessem sido ocupadas;
2. A predominância de posseiros e pequenos estabelecimentos rurais;
3. As comunidades rurais estão, em sua maioria, localizadas no entorno de áreas de preservação ambiental, constituindo um verdadeiro “colchão de amortecimento” entre a ocupação urbana e as áreas de proteção.
4. A elevação das práticas agroecológicas que vem sendo adotadas e favorecidas há alguns anos na região, em grande parte devido ao poder aquisitivo dos agricultores locais e pela dificuldade de acesso a insumos sintéticos.

A presença dos pequenos agricultores em uma sala de aula possibilita maior interação. Por meio destes encontros se constrói uma rede de relações que potencializa a capacidade de resolução de problemas e ampliação territorial (seja no espaço urbano ou rural). Conhecendo as pessoas que estão no entorno, se fortalece a autonomia e se estimulam práticas de participação social em prol de interesses que necessitam ser defendidos, de forma cidadã e emancipatória. Este processo, portanto, compõe-se como parte de uma educação interativa.

Em seus objetivos específicos, a EANI visa:

1. Capacitar agricultores familiares, com o intuito de preservar recursos naturais e meios de produção agrícola, produzindo alimentos saudáveis, viabilizando social e economicamente agricultores e pequenos produtores da Baixada Fluminense;
2. Seguir a orientação do texto-base da Campanha da Fraternidade 2017 “Fraternidade: Biomas Brasileiros e Defesa da Vida”, que diz respeito à promoção de relações fraternas com a vida e cultura dos povos. E em específico, quanto ao parágrafo 278 que recomenda o apoio à produção agroecológica camponesa com base na agricultura familiar.

A participação no curso é gratuita e os encontros são quinzenais, na maior parte do curso. A carga horária de aulas ao dia totaliza 07h, entre os meses de março a dezembro, correspondendo a aproximadamente 175h. O público prioritário da Escolinha são pequenos agricultores e produtores rurais, estudantes e técnicos das áreas de ciências agrárias,

engenheiros florestais e ambientalistas. Também há oferta de almoço gratuitamente para os participantes do curso.

Segundo a Emater-Nova Iguaçu, durante os três primeiros meses, o curso trabalha conteúdos relacionados ao manejo ecológico do solo, uso racional da água, inoculação de sementes leguminosas, reflexão acerca da história dos agrotóxicos e transgênicos, manejo agroecológico de lavouras, reconhecimento de pragas e doenças, métodos alternativos de controle (que incluem a homeopatia) e o reconhecimento dos inimigos naturais.

Conforme explicita Brandão (1981), uma das características da educação popular é que o saber circule através de símbolos, palavras, expressões, sinais, gestos, dentre outros. Logo, momentos que propiciem trocas são de suma importância para a educação popular. Momentos de convivência, como a partilha de sementes, o trabalho final de conclusão do curso, as visitas a instituições e até mesmo o almoço coletivo na EANI representam um espaço muito rico de troca entre os participantes.

Como instituição, as práticas incluem-se sob a perspectiva da educação não formal e no âmbito da metodologia, na perspectiva da educação popular. Para Simson, Park e Fernandes (2007) e Gohn (2010; 2014), a educação não formal tem relação com a transformação social em virtude das seguintes características: caráter voluntário por meio de parcerias, promoção da socialização e da participação, é pouco formalizada e preocupa-se com a mudança social.

A atuação da EANI visa responder as demandas apresentadas pelos participantes, bem como seus interesses e necessidades. Não há um modelo educacional verticalizado, ou seja, impositivo. As relações presentes na instituição visam a participação, baseadas em igualdade, respeito, na valorização dos saberes próprios adquiridos e o compartilhamento dos mesmos, promovendo um espaço de reflexão crítica.

Acerca da metodologia de ensino da EANI, destacamos a sua especificidade, pois os conteúdos trabalhados no curso surgiram da necessidade do agricultor. O projeto atua com um grupo que, histórica e culturalmente, tem sofrido com o estigma social que põe o agricultor camponês em uma relação de inferioridade ao urbano. Assim, o método foi sendo desenvolvido a partir de uma problematização e os conteúdos aplicados são colocados frente às carências e aos desafios trazidos pelos participantes. Assim:

O método passa pela sistematização dos modos de agir e de pensar o mundo que circunda as pessoas. Penetra-se, portanto, no campo do simbólico, das orientações e representações que conferem sentido e significado às ações humanas. Supõe a existência da motivação das pessoas que participam. Ela

não se subordina às estruturas burocráticas. É dinâmica (...), tem caráter humanista. (...) Mas como há intencionalidades nos processos de educação não formal, há caminhos, percursos, metas, objetivos estratégicos que podem se alterar constantemente. (GOHN, 2010, p. 47).

Destacamos a importância deste projeto na relação com as Feiras da Roça da Baixada Fluminense. Com base em dados disponibilizados pelo IBGE (2015), esta região reúne uma população de aproximadamente 3,6 milhões de pessoas e possui a maior incidência cartográfica<sup>1</sup> de pobreza. Este é um fator de suma relevância para nosso trabalho, visto que no país, o percentual de extrema pobreza está concentrado nas regiões rurais.

O histórico de lutas a favor da concretização da Feira da Roça teve início em 2004, através do mercado produtor no galpão da Associação Rural. Posteriormente, novas iniciativas foram surgindo, porém, sem sucesso. Durante o Governo de Lindbergh Farias, no município de Nova Iguaçu, o término da Feira da Roça ocorreu em abril de 2005, a princípio para realização de reforma do espaço, porém, não voltaram a ocupar o espaço, segundo Soares (2015, p. 47).

Em 2006, através do Fórum Mundial de Educação, a Feira da Roça foi inserida no evento e, após visibilidade e muita resistência, a partir deste ano fora estabelecido que a Praça Rui Barbosa seria contemplada para a realização da Feira da Roça. A Feira da Roça acontece em outros municípios, tais como Campos dos Goytacazes, Quatis, Barra Mansa, Queimados, Magé, Japeri e Resende.

Segundo Strauch, Mendonça e Rosa (2012, p. 33), a Associação da Feira da Roça de Nova Iguaçu inclui membros de comunidades rurais e possuem personalidade jurídica para representar o grupo de agricultores que já vinham participando das Feiras na região metropolitana.

Em 2018, a Feira da Roça completará 12 anos de existência na Praça Rui Barbosa, região central de Nova Iguaçu e de grande circulação. Strauch, Mendonça e Rosa (2012), ressaltam que a EANI e a Feira da Roça possuem uma relação importante em virtude do resgate da autonomia e identidade rural dos agricultores. Em 13 de março de 2018, uma nova parceria foi realizada e a Feira da Roça foi inaugurada no campus da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), em Nova Iguaçu.

---

<sup>1</sup> Os dados relativos à incidência cartográfica da pobreza têm por objetivo estipular índices numéricos da desigualdade da distribuição de riqueza entre a população abarcada por dois índices: pobreza absoluta e subjetiva. A partir deste censo, por exemplo, é possível mensurar quantas pessoas vivem abaixo da linha da pobreza.



Uma porcentagem de alunos e ex-alunos da EANI integram as Feiras da Roça do Rio de Janeiro, sobretudo, da Baixada Fluminense, apresentando produtos sem agrotóxicos, naturais e atendendo qualitativamente às demandas alimentares de forma saudável, cujas bases educacionais foram compartilhadas através da Escolinha, de modo multiplicador.

A atual conjuntura econômica e política vivenciada em nosso país na atualidade apresentam um quadro de elevação do desemprego e do pauperismo. Com isto, a população urbana tem buscado novas alternativas para geração de renda visando tornar seus quintais produtivos com base na agricultura familiar.

Acerca da perspectiva de atuação da Escolinha de Agroecologia de Nova Iguaçu, destacamos seu protagonismo com base na sua especificidade através do desenvolvimento de práticas e ações por meio da educação popular, cujo objetivo além de compartilhar o conhecimento sobre práticas agroecológicas, abrange a questão da valorização da relação do homem com a terra, da valorização das histórias de vida, de pertencimento e respeito à identidade e engajamento com os movimentos sociais.

## **Conclusões**

As ações da Escolinha de Agroecologia de Nova Iguaçu representam um diferencial no território da baixada fluminense. Sua especificidade em promover um conteúdo educacional diferenciado dos demais modelos voltados para a agroecologia, através da práxis da educação popular faz com que este projeto seja enriquecedor. Sobretudo, quando refletimos que o público prioritário deste projeto, os pequenos produtores (principalmente de zonas rurais) têm sido excluídos do processo educacional ao longo da história brasileira e, na atualidade, tem sofrido um esmagamento socioeconômico em virtude do agronegócio.

Estas práticas corroboram para a transformação social a partir de sua perspectiva educacional que visa promover a participação social nas interações em prol da igualdade de direitos. Também entendemos que a definição das ações desenvolvidas pela EANI, no universo das práticas educativas se diferenciam, pois, incluem campos diferenciados e são construídas por escolhas e intencionalidades.

Educação não pode ser vista como um meio para que se forjem novos seres humanos, tampouco, de difusão do sistema hegemônico vigente. Ir contra este modelo educacional é uma forma de enfrentamento que precisa ser valorizada e amplamente discutida em nossa



sociedade. Quando somadas às lutas dos movimentos sociais, estas ações visam romper com a lógica de desigualdade, defender a reorganização da estrutura fundiária em busca de igualdade na distribuição de terras e de uma reorganização agrícola que atenda a necessidade da população e não às lógicas mercantis, promovendo o respeito ao meio ambiente, apoio às práticas agroecológicas e desenvolvimento sustentável.

Somar estas forças e fincar parcerias é um caminho para se efetivar uma nova ordem social, apesar da falta de recursos financeiros e das dificuldades existentes. Há a falta de reconhecimento, divergências e diversidades. O caminho para a mudança não é fácil, mas é possível.

### Referências

ARROYO, Miguel G. Educação Popular, Saúde, Equidade e Justiça Social. *Caderno Cedes*, Campinas, vol. 29, n. 79, p. 401-416, set./dez. 2009. Disponível em: <http://www.mobilizadores.org.br/wp-content/uploads/2014/05/educacao-popular-sade-equidade-e-justia-social.pdf>. Acesso em: 03.mar.2018

\_\_\_\_\_. Educação e Exclusão da Cidadania. In: BUFFA, E. ; ARROYO, M.; NOSELLA; P. Educação e Cidadania: quem educa o cidadão? São Paulo: Cortez, 2007.

\_\_\_\_\_. Pedagogias em Movimento – o que temos a aprender dos Movimentos Sociais? Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. *Revista Currículo Sem Fronteiras*, v. 3, n. 1, p. 28-49, jan./jun. 2003. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol3iss1articles/arroyo.pdf> . Acesso em: 18.mar.2018

AS-PTA. Agricultura Familiar e Agroecologia. *Revista Agricultura*. V. 1, nº 0. AS-PTA, Disponível em: <http://aspta.org.br/revista/v1-n0-seguranca-alimentar-a-agriculturafamiliar-aponta-o-caminho>. Acesso em: 31.mar.2018

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação popular**. Coleção Primeiros Passos, ed. 318, Editora Brasiliense, 1981.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, Senado, 1998.

CALDART, Roseli Salete. Por Uma Educação do Campo: traços de uma identidade em construção. In: KOLLING, Edgar Jorge; CERIOLI, Paulo Ricardo; osfs CALDART, Roseli Salete (Orgs.). Educação do Campo: Identidade e Políticas Públicas. – Brasília, DF: Articulação Nacional por uma Educação do Campo, 2002. Coleção Por uma Educação do Campo, nº 4.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Contra a corrente**. São Paulo. Cortez editora, 2000.

\_\_\_\_\_. **Sobre Educação do Campo**. III Seminário do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), Luziânia/GO, de 2 a 5 de outubro de 2007 – Disponível em: [http://www.ce.ufes.br/educacaodocampo/down/cdrom1/pdf/ii\\_03.pdf](http://www.ce.ufes.br/educacaodocampo/down/cdrom1/pdf/ii_03.pdf). Acesso em 04.jan.2018

\_\_\_\_\_. Educação do Campo: Notas para uma análise de percurso. *Revista Trabalho, Educação e Saúde*. Rio de Janeiro, v. 7, p. 35-64, mar./jun. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tes/v7n1/03.pdf>. Acesso em: 04.jan.2018

DAHMER, Tatiana Dahmer Pereira. **Gênero, Políticas Públicas e Cidadania: uma experiência urbana na Baixada Fluminense**. Rio de Janeiro, 2000.

ELIAS, Denise; PEQUENO, Renato. Desigualdades socioespaciais nas cidades do agronegócio. *Revista Brasileira Estudos Urbanos e Regionais*. v. 9, nº 1, maio, 2007.

EMATER-Nova Iguaçu. Engenheira Agrônoma da EMATER Rio. *Projeto Piloto Ordenador – Projeto Caritas*. Escritório local de Nova Iguaçu/RJ, 2017.

EMATER RIO. Relatório de Atividades. Rio de Janeiro, 2017.

\_\_\_\_\_. Documento de Entrevista ao Catraca Livre, 2017.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Diretrizes de uma caminhada. In: KOLLING, Edgar Jorge; CERIOLI, Paulo Ricardo; osfs CALDART, Roseli Salette (Orgs.). Educação do Campo: Identidade e Políticas Públicas. – Brasília, DF: Articulação Nacional por uma Educação do Campo, 2002. Coleção Por uma Educação do Campo, nº 4.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes Necessários à prática educativa**. Editora Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. 25<sup>a</sup> ed. (1<sup>a</sup> edição: 1970). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e o Educador Social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais**. São Paulo: Cortez, 2010. – Coleções questões da nossa época.

\_\_\_\_\_. **Educação não formal e cultura política**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

\_\_\_\_\_. Movimentos Sociais na Contemporaneidade. *Revista Brasileira de Educação*, v. 6, n. 47, maio-ago., 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v16n47/v16n47a05.pdf>. Acesso em: 01.abr.2018

\_\_\_\_\_. **História dos Movimentos e lutas sociais**. A construção da cidadania dos brasileiros. 7ed. São Paulo: Loyola, 2013.

\_\_\_\_\_. Educação Não Formal, Aprendizagens e Saberes em Processos Participativos. *Investigar em Ação*. Faculdade de Educação da Unicamp. II Série, n. 1, 2014. Disponível em: [https://ec.europa.eu/epale/sites/epale/files/gohn\\_2014.pdf](https://ec.europa.eu/epale/sites/epale/files/gohn_2014.pdf). Acesso em: 20.fev.2018.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cidades, infográficos, Rio De Janeiro, Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?codmun=330170&lang>. Acesso em: 01.abr.2018

\_\_\_\_\_. Incidência cartográfica de pobreza. Disponível em: [https://ww2.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/03122002relatorio\\_onu.shtm](https://ww2.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/03122002relatorio_onu.shtm). Acesso em: 01.abr.2018

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

SANTOS, Ramofly Bicalho dos. A Educação do Campo e o MST. Cadernos da Fael, UNIG, 2001. Disponível em: [http://perseu.unig2001.com.br/cadernosdafael/vol2\\_num5/ARTIGO%20CADERNOS%205%20RAMOFLY%20BICALHO.pdf](http://perseu.unig2001.com.br/cadernosdafael/vol2_num5/ARTIGO%20CADERNOS%205%20RAMOFLY%20BICALHO.pdf). Acesso em 20.dez.2017

SAWAYA, B. B. Transformação Social: Um objeto pertinente à Psicologia Social? *Revista Psicologia e Sociedade*, 26, nº 2, p. 4-17, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v26nspe2/a02v26nspe2.pdf>. Acesso em 10.fev.2018

SILVA, Maura. “Partido do Agronegócio” invade as escolas brasileiras. Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Publicado em: 14/11/2014. Disponível em: <http://www.mst.org.br/2014/11/14/partido-do-agronegocio-invade-escolas-brasileiras.html>. Acesso em: 20.abr.2018

STRAUCH, Guilherme; MENDONÇA, Márcio Mattos de; ROSA, Maria Conceição. Feiras da Roça: desvelando a agricultura familiar da região metropolitana do Rio de Janeiro. *Agriculturas – AS-PTA*, v. 9, n. 2, setembro de 2012. Disponível em: <http://aspta.org.br/wp-content/uploads/2012/10/artigo-5.pdf>. Acesso em: 01.mar.2018

STROZAKE, Janaina. A batalha entre dois modelos agrícolas: Agronegócio vs. Agroecologia. In: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), em 15/06/2015. Disponível em: <http://www.mst.org.br/2015/06/25/a-batalha-de-dois-modelos-agricolas.html>. Acesso em: 31.mar.2018

VENDRAMINI, Célia Regina; RUMMERT, Sonia Maria. O Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) na atualidade: luta, organização e educação. *Perspectiva*. Florianópolis, v. 26, n. 1, 275-280, 2008.